

# Elizabeth CHADWICK

Autora bestseller do *New York Times*

«Vai sentir-se a entrar  
numa viagem magistral!»

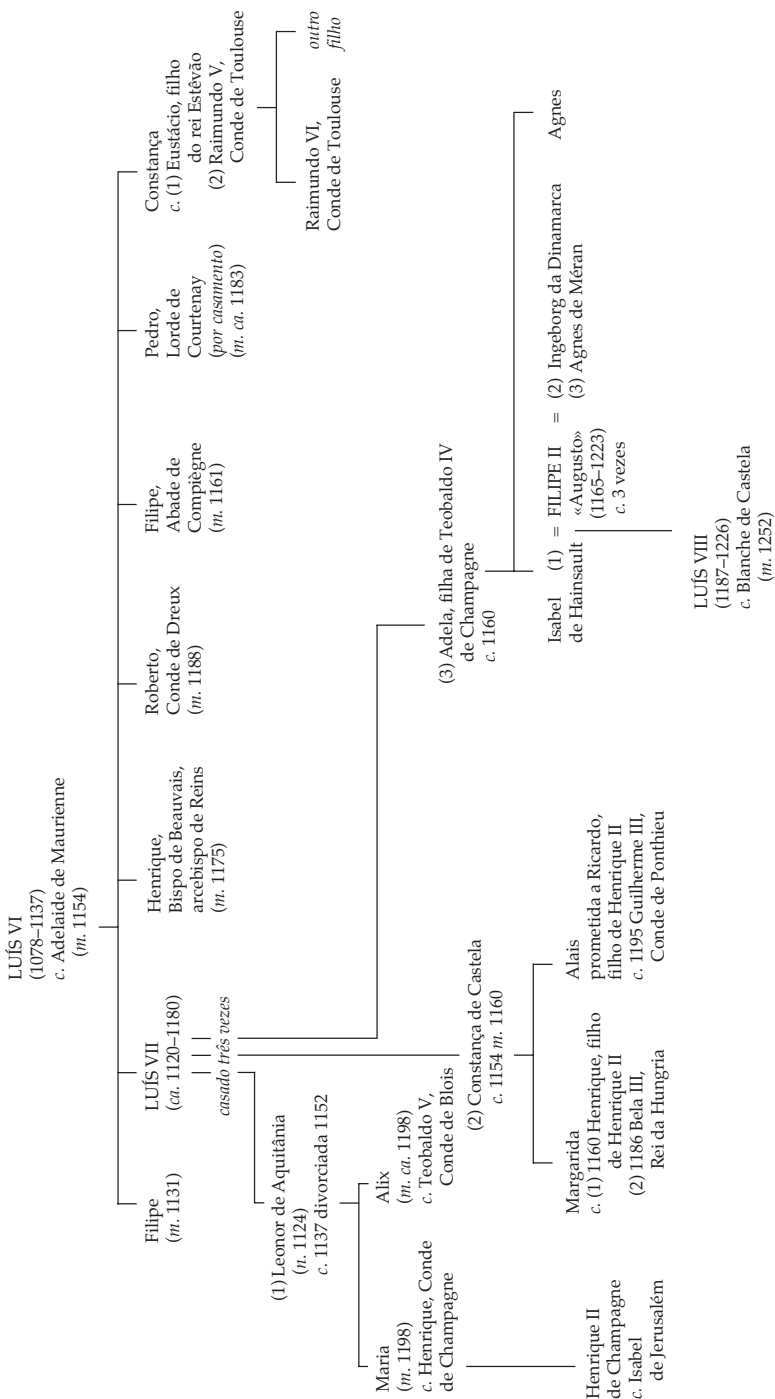
*Daily Telegraph*

LEONOR DE AQUITÂNIA

Romance Histórico

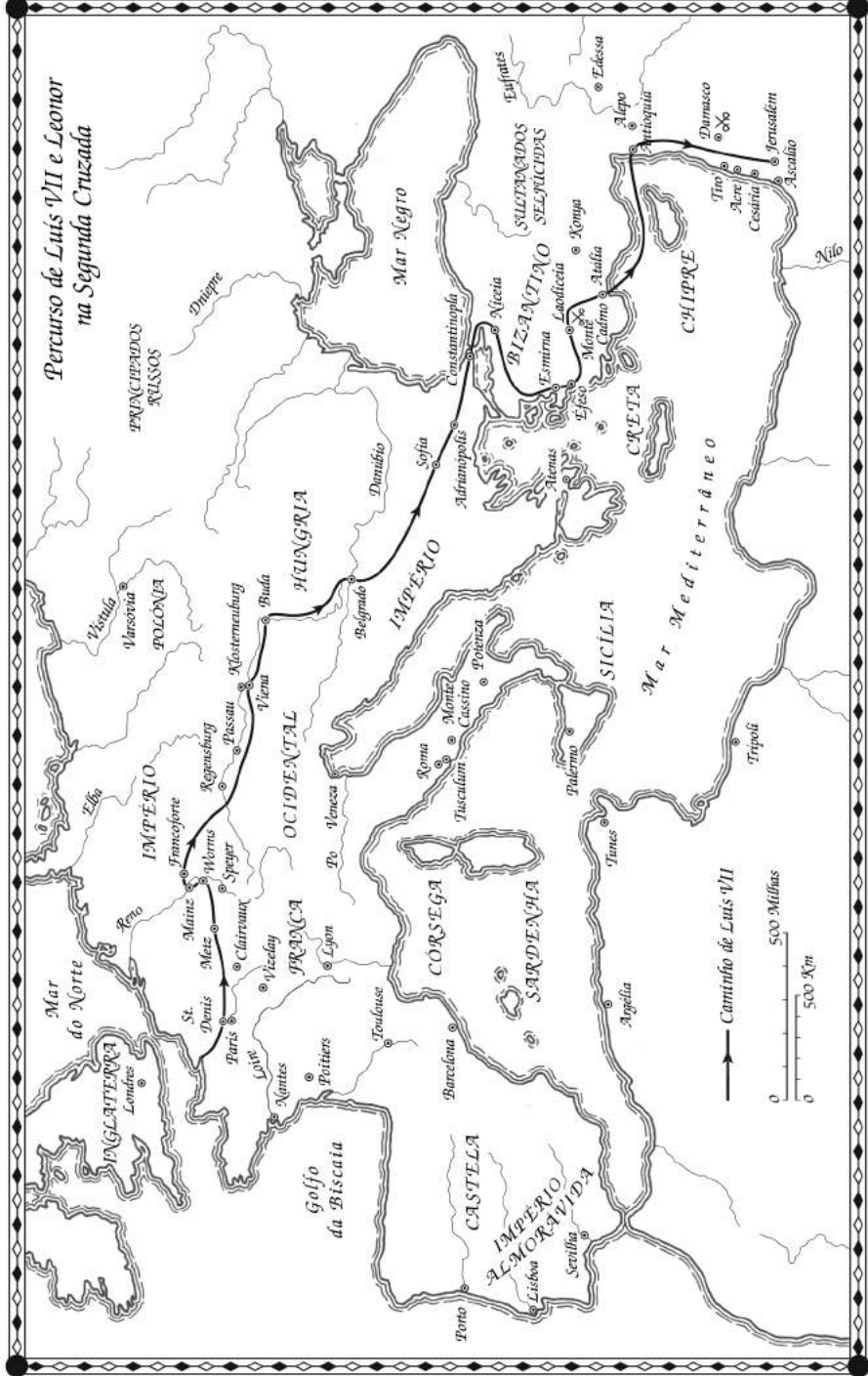
# A Rainha do Verão

TOP  
SEL  
LER

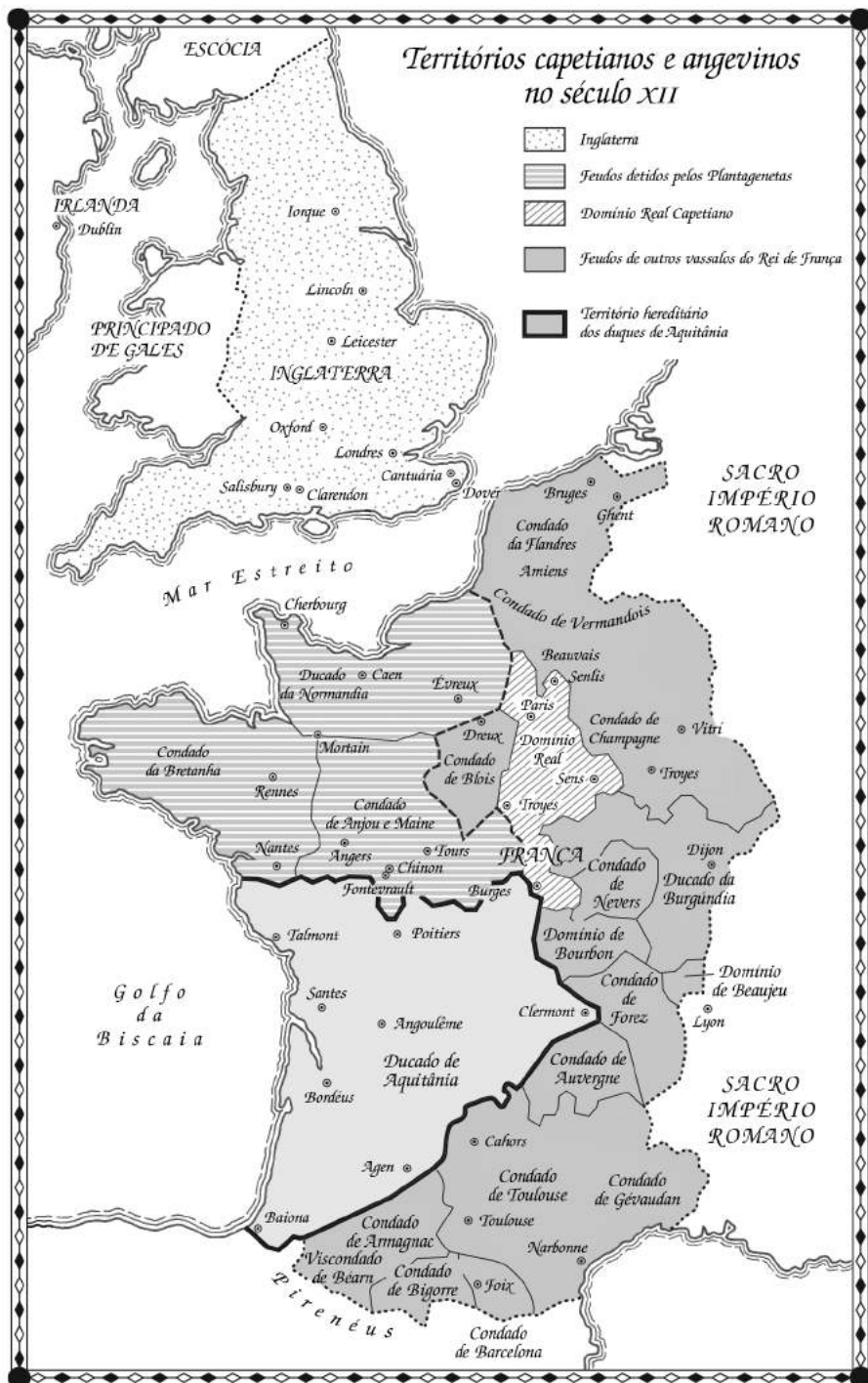


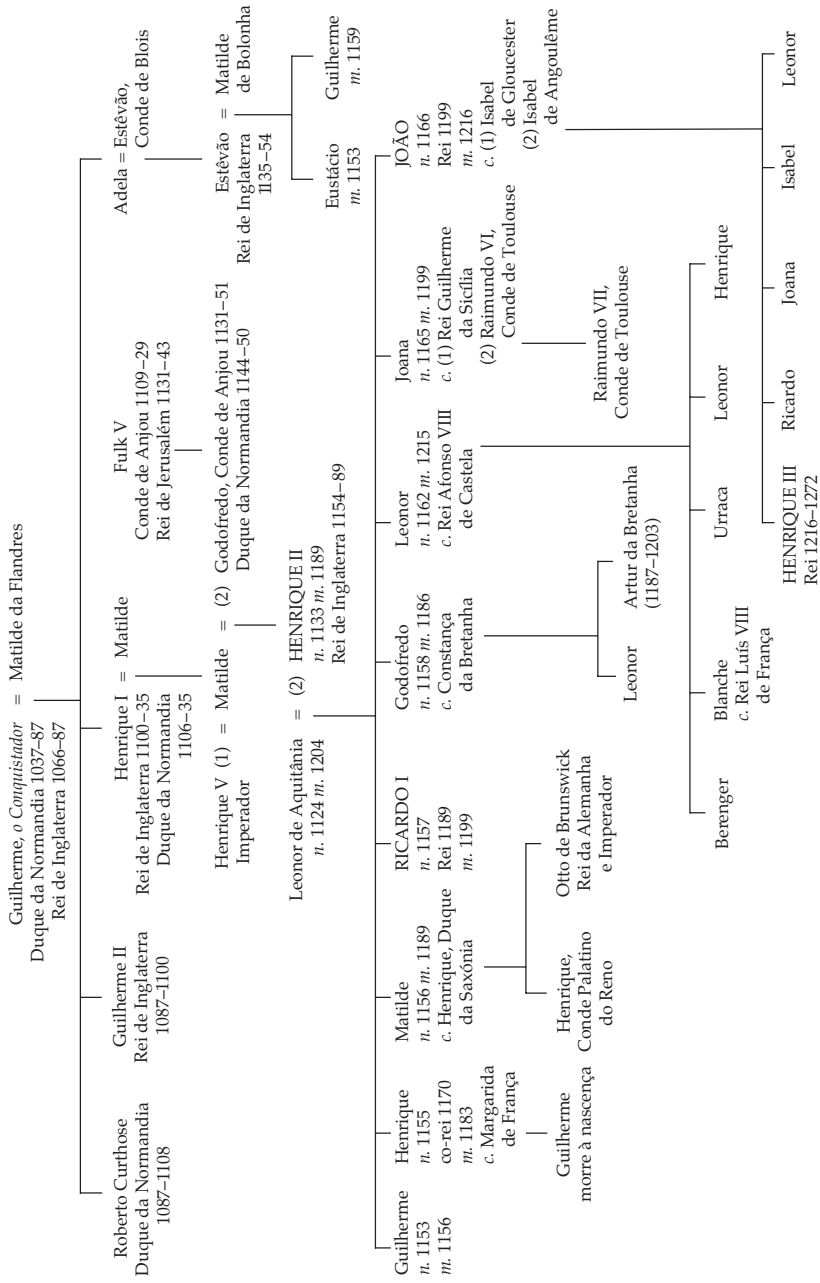
## A Família de Luís VII de França

# Percorso de Luis VII e Leonor na Segunda Cruzada



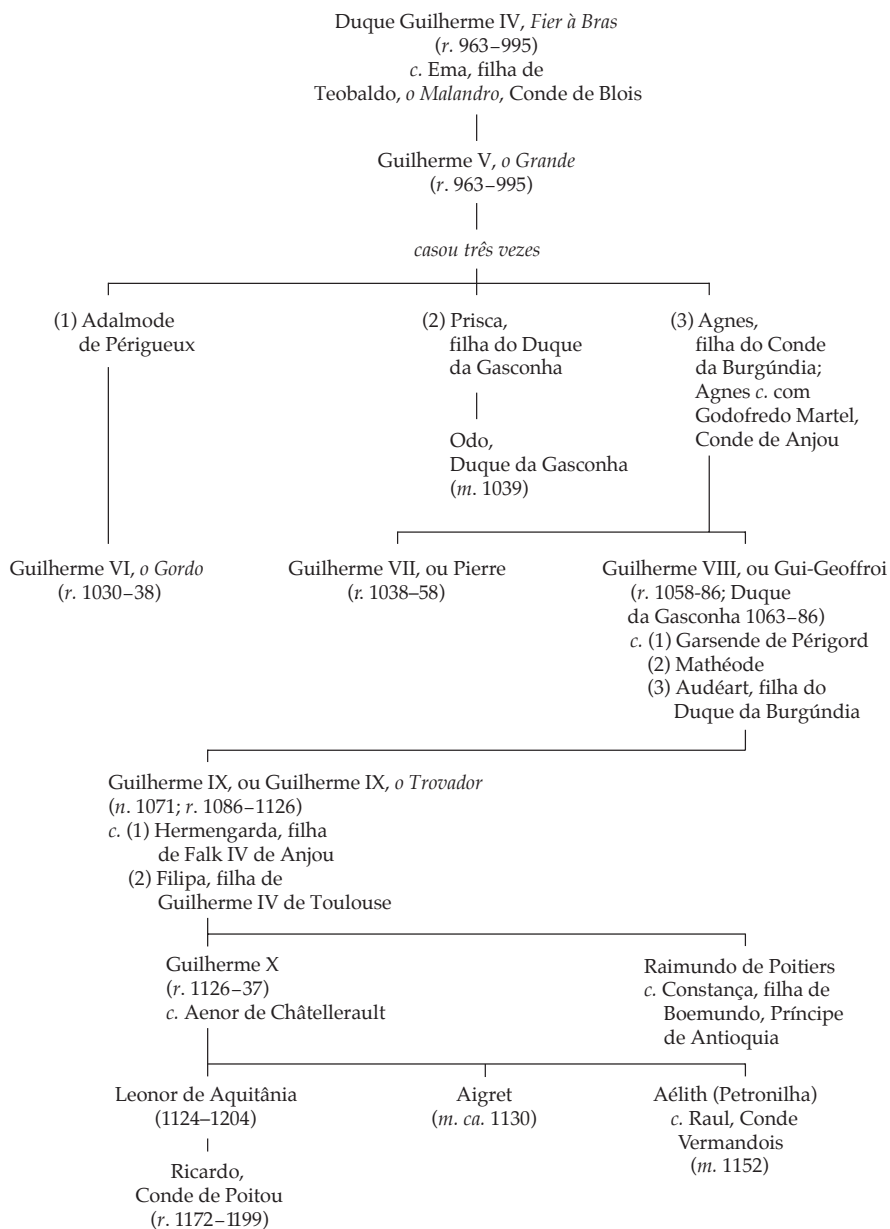
## Territórios capetianos e angevinos no século XII





## Reis Normandos e Angevinos de Inglaterra

## Condes de Poitou, duques de Aquitânia



*Palácio de Poitiers, janeiro de 1137*

**L**eonor acordou de madrugada. A vela alta que tinha sido deixada para queimar durante toda a noite era quase um coto, e mesmo através das portadas fechadas ouvia os galos nos poleiros, muros e montes de esterco, a acordarem a cidade de Poitiers. Enrolada debaixo das cobertas, Petronilha dormia, com o cabelo escuro espalhado sobre a almofada. Leonor saiu silenciosamente da cama, com cuidado para não acordar a irmã mais nova que ficava sempre mal-humorada quando era perturbada demasiado cedo. Além disso, queria aqueles momentos para si própria. Não era um dia comum, e quando o barulho e a agitação começassem, não iriam parar.

Pôs o vestido que estava dobrado em cima da arca, enfiou os pés em sapatos de pelica suaves e destrancou uma pequena porta das persianas para se inclinar para fora e inspirar o ar da nova manhã. Uma brisa leve e húmida trazia até si os familiares cheiros de fumo, pedra bolorenta e pão acabado de cozer. Entrançando o cabelo com dedos ágeis, admirou as tiras alternadas de carvão, nácar e ouro que irradiavam pelo horizonte oriental antes de se afastar com um suspiro pensativo.

Furtivamente, levantou a capa do gancho onde estava pendurada e saiu em bicos de pés do quarto. No quarto ao lado, a bocejar e com os olhos turvos do sono, as criadas despertavam. Leonor passou por elas como uma raposa jovem e elegante e, com passos leves e silenciosos, desceu as escadas da grande Torre Maubergeonne que era o alojamento doméstico do palácio ducal.

Um jovem sonolento pousava cestos de pão e jarros de vinho numa mesa no grande salão. Leonor roubou um pão pequeno, ainda quente do forno, e saiu para a rua. As lanternas ainda brilhavam em algumas cabanas e dependências. Ouviu o barulho de panelas vindo

das cozinhas e um cozinheiro a repreender alguém por ter derramado o leite. Sons familiares que diziam que tudo estava bem no mundo, mesmo no limiar da mudança.

Nos estábulos, os moços de estrebaria preparavam os cavalos para a viagem. *Ginnett*, o seu palafrém malhado, e *Morello*, o pónei preto e brilhante da irmã, ainda estavam à espera nas suas boxes, mas os cavalos de carga tinham os arreios postos e as carroças estavam a postos no pátio para transportarem a bagagem ao longo dos 240 quilómetros a sul que separavam Poitiers de Bordéus, onde ela e Petronilha passariam a primavera e o verão no Palácio de Ombrière com vista para o rio Garona.

Leonor ofereceu um pedaço de pão fresco na palma da mão a *Ginnett*, e afagou o pescoço quente e cinzento da égua.

— O papá não tem de ir até Compostela — disse ela à égua. — Porque é que não pode ficar em casa connosco e rezar? Detesto quando ele viaja para longe.

— Leonor.

Ela sobressaltou-se e, corada de culpa, encarou o pai, percebendo imediatamente pela sua expressão que ele a tinha ouvido.

Ele era alto, com pernas compridas, e o cabelo castanho estava intercalado com cinzento na zona das orelhas e têmporas. Rugas profundas alastravam-lhe dos cantos dos olhos e covas magras sombreavam-lhe as maçãs do rosto bem definidas.

— A peregrinação é um importante compromisso para com Deus — disse ele com um tom sério. — Não é um passeio tolo feito por capricho.

— Sim, papá. — Ela sabia que a peregrinação era importante para ele, que era necessária para o bem da sua alma, mas ainda assim não queria que fosse. Ele andava diferente ultimamente; reservado e mais obviamente sobrecarregado, e ela não entendia porquê.

Ele ergueu o queixo da filha com o dedo indicador.

— És a minha herdeira, Leonor; tens de te comportar como convém à filha do Duque de Aquitânia, não como uma criança amuada.

Sentindo-se indignada, ela afastou-se. Tinha 13 anos, mais um ano do que a idade de consentimento, e considerava-se crescida, mesmo apesar de ainda desejar a segurança do amor e da presença do pai.

— Vejo que me entendes. — Ele franziu a testa. — Enquanto estou fora, és tu a governante da Aquitânia. Os nossos vassallos juraram defender-te como minha sucessora e deves honrar a sua fé.



Leonor mordeu o lábio.

— Tenho medo que não voltes... — A sua voz tremeu. — Medo de não te voltar a ver.

— Oh, criança! Se Deus quiser, claro que volto. — Ele beijou a filha ternamente na testa. — Ainda me tens por algum tempo. Onde está a Petronilha?

— Ainda na cama, papá. Deixei-a dormir.

Um cavaliço chegou para ver *Ginnett* e *Morello*. O pai de Leonor levou-a para o pátio, onde o cinzento pálido da luz da manhã estava a dar lugar a tons e cores mais quentes. Ele puxou delicadamente a trança grossa de cabelo cor de mel da filha. — Então vai acordá-la. Será uma coisa boa dizer que caminhaste parte do caminho de peregrinação de Santiago.

— Sim, papá. — Ela mirou-o demorada e firmemente antes de se afastar, com as costas direitas e o passo lento.

Guilherme suspirou. A sua filha mais velha estava a tornar-se rapidamente uma mulher. Tinha crescido em altura no ano passado, e desenvolvera curvas ligeiras no peito e nas ancas. Era requintada; bastava-lhe olhar para ela para sentir uma pontada de dor. Era demasiado jovem para o que se aproximava. Que Deus os ajudasse a todos.

Petronilha estava acordada quando Leonor regressou ao quarto, e estava afadigada a envolver as suas bugigangas preferidas num saco de pano macio para a viagem. Floreta, a sua ama e dama de companhia, tinha enrançado o cabelo castanho brilhante de Petronilha com fitas azuis e prendera-o afastado do rosto, revelando a curva aveludada do seu rosto de perfil.

— Onde foste? — exigiu saber Petronilha.

— A lado nenhum, fui só dar um passeio. Ainda estavas a dormir.

Petronilha fechou o cordão do saco e balançou as borlas nas pontas dos cordões.

— O papá diz que nos vai trazer cruzes abençoadas do Santuário de Santiago.

Como se cruzes abençoadas fossem compensação suficiente pela ausência do pai, pensou Leonor, mas conteve-se. Petronilha tinha 11 anos, mas ainda era muito criança. Apesar da sua proximidade, os dois anos que as separavam eram frequentemente um abismo. Leonor fazia tanto o papel da sua falecida mãe como o de irmã.

— E quando ele voltar depois da Páscoa, vamos ter uma grande celebração, não vamos? — Os grandes olhos castanhos de Petronilha procuraram a confirmação. — Não vamos?

— Claro que vamos — respondeu Leonor, abraçando Petronilha e reconfortando-se a si própria com o abraço mútuo.

Estava-se a meio da manhã quando o grupo ducal partiu para Bordéus após uma missa celebrada na igreja peregrina de Santo Hilário, com as suas paredes adornadas com a divisa da águia dos lordes de Aquitânia.

Pedaços irregulares de azul pálido apareciam por entre as nuvens e raios súbitos e repentinos de luz do Sol brilhavam nos arreios dos cavalos e nas fivelas dos cintos. A comitiva estendia-se ao longo da estrada como uma fita, formando um arco-íris com a prata das armaduras, os tons ricos dos vestidos caros, carmim, violeta e ouro, e os tons discretos e contrastantes acastanhados e cinzentos pertencentes aos criados e carroceiros. Todos partiram a pé, não apenas o duque Guilherme. Naquele primeiro dia, todos percorreriam a pé os 32 quilómetros até à paragem para a pernoita em Saint-Sauvant.

Leonor caminhou, segurando a mão de Petronilha com uma mão e levantando o vestido com a outra para não arrastar pelo chão. De vez em quando, Petronilha saltitava. Um bardo começou a cantar com o acompanhamento de uma pequena harpa e Leonor reconheceu as palavras do seu avô Guilherme, o nono Duque de Aquitânia, que gozara de uma reputação notável. Muitas das canções tinham um conteúdo sexual, perturbadoras na sua crueza e desadequadas para o quarto de uma dama, mas aquela em particular era triste e assombrosa, e causou um arrepio na espinha a Leonor.

«Não sei quando estou a dormir ou acordado  
A menos que alguém mo diga.  
O meu coração quase rebenta de tristeza profunda,  
Mas eu não ligo nenhuma,  
Por São Marçal!»

O pai fez companhia a Leonor e a Petronilha durante algum tempo, mas as suas passadas eram maiores do que as delas e, gradualmente, afastou-se, deixando-as na companhia das aias. Leonor observou-o enquanto se afastava, e fixou o olhar na mão em que levava o bastão de

peregrino. O anel de safira da autoridade ducal brilhava como um olho azul-escuro. Leonor desejou que ele se virasse e olhasse para ela, mas ele manteve-se concentrado na estrada à sua frente. Ela sentiu-se como se ele estivesse a distanciar-se deliberadamente, e sentiu que em breve teria desaparecido completamente, deixando apenas a marca empoeirada dos seus passos para ela pisar.

Nem se animou quando o senescal do pai, Godofredo de Rancon, lorde de Gençay e Taillebourg, se juntou a ela e a Petronilha. Tinha vinte e muitos anos e cabelo castanho farto, olhos profundos de um tom avelã escuro e um sorriso disponível que a fazia sentir-se feliz. Conhecia-o desde que nascera porque era um dos principais vassallos e comandantes militares do seu pai. A esposa tinha morrido há dois anos, mas ele ainda não voltara a casar. Duas filhas e um filho do casamento significavam que a sua necessidade de herdeiros não era premente.

— Porque estais triste? — Ele fitou o rosto dela. — Escureceis as nuvens com uma carranca dessas.

Petronilha riu-se e Godofredo piscou-lhe o olho.

— Não sejais tolo. — Leonor ergueu o queixo e afastou-se.

Godofredo estugou o passo para a acompanhar.

— Então dizei-me o que se passa.

— Nada — disse ela. — Não se passa nada. O que haveria de ser?

Ele lançou-lhe um olhar avaliador.

— Talvez seja por o vosso pai estar de partida para Compostela, deixando-vos em Bordéus?

Leonor sentiu um nó na garganta.

— Claro que não — retorquiu.

Ele abanou a cabeça.

— Estais certa, sou tolo, mas perdoais-me e deixais-me caminhar convosco por um momento?

Leonor encolheu os ombros, mas acabou por assentir, relutante.

Godofredo pegou-lhe na mão e na de Petronilha do outro lado.

Ao fim de algum tempo e quase sem se dar conta, Leonor parou de franzir a testa. Godofredo não substituía o pai, mas a sua presença elevava-lhe o ânimo e conseguiu prosseguir com alegria renovada.

## 2

### *Bordéus, fevereiro de 1137*



Sentado diante da lareira no seu quarto no cimo do Palácio de Ombrière, Guilherme, o X Duque de Aquitânia, olhou para os documentos que aguardavam o seu selo e massajou o próprio tronco.

— Senhor, ainda estais determinado a fazer esta viagem?

Ele olhou para o outro lado da lareira na direção do Arcebispo de Bordéus, que estava a aquecer-se diante do fogo, com o corpo alto engordado pelos mantos forrados a pele. Apesar de as suas opiniões entrarem em conflito algumas vezes, ele e Gofrid de Louroux eram amigos de longa data e Guilherme tinha-o nomeado percetor das suas duas filhas.

— Estou — replicou ele. — Quero fazer as pazes com Deus enquanto ainda tenho tempo e creio que Compostela é suficientemente perto para ser alcançável.

Gofrid lançou-lhe um olhar perturbado.

— A situação está a piorar, não está?

Guilherme soltou um suspiro exausto.

— Digo a mim mesmo que muitos milagres se dão no santuário de Santiago e vou rezar por um, mas na verdade estou a fazer esta peregrinação pela minha alma e não à espera de uma cura. — Massajou a cana do nariz. — A Leonor está zangada comigo porque pensa que posso salvar a minha alma com igual facilidade em Bordéus, mas não entende que não seria purificado se o fizesse. Aqui, seria tratado com clemência por ser o *Seigneur*. Na estrada, a pé, com a minha sacola e bastão, sou apenas mais um peregrino. Todos estamos nus quando nos apresentamos diante de Deus, qualquer que seja a nossa situação na Terra, e é isso que preciso de fazer.

— Mas e as vossas terras durante a vossa ausência, senhor? — perguntou Gofrid, preocupado. — Quem governará no vosso lugar? Leonor

está agora em idade casadoura e, embora tenhais obrigado todos os homens a defenderem-na, haverá uma corrida de todos os barões da terra para a terem como esposa ou casarem-na com os seus filhos. Já a rodeiam com essa intenção, como deveis ter notado. O de Rancon, por exemplo. Tenho de admitir que ele fez um luto sincero da mulher, mas suspeito que tem razões políticas para ainda não ter voltado a casar.

— Não sou cego. — Guilherme fez uma careta ao sentir uma pontada de dor no tronco. Serviu um copo de água da garrafa que tinha ao lado do cotovelo. Não se atrevia a beber vinho nos últimos tempos; as únicas coisas que o seu estômago conseguia aguentar eram pão seco e alimentos leves, ele que fora em tempos dono de um apetite voraz. — Este é o meu testamento. — Empurrou os pergaminhos para Louroux. — Compreendo o perigo que enfrentam as minhas meninas e a facilidade com que esta situação pode transformar-se numa guerra, e fiz o meu melhor para o remediar.

Observou Louroux enquanto este lia o que estava escrito e, tal como esperava, viu-o arquear as sobranceiras.

— Confiais as vossas filhas aos franceses — disse Gofrid. — Não é igualmente perigoso? Em vez de cães selvagens a rondar o curral, convidais os leões a entrar?

— A Leonor também é uma leoa — respondeu Guilherme. — Enfrentar os desafios está-lhe no sangue. Foi educada para isso e é muito capaz, como bem sabeis. — Agitou a mão no ar. — O plano tem as suas falhas, mas é mais seguro do que outros que podem parecer promissores à primeira vista. Vós tendes contactos com os franceses através da Igreja e sois um homem sábio e eloquente. Ensinastes bem as minhas filhas; elas confiam em vós e gostam de vós. Caso eu venha a morrer, confio-vos a sua segurança e bem-estar. Sei que fareis o que for melhor para elas.

Guilherme esperou enquanto Gofrid relia o testamento, de testa franzida.

— Não há melhor solução. Dei voltas à cabeça até o cérebro quase me ter saído para fora do crânio. Confio as minhas filhas, e com elas a Aquitânia, a Luís de França, porque tem de ser. Se eu casar Leonor com de Rancon, por muito honrado que seja, estarei a condenar as minhas terras a uma guerra civil sangrenta. Uma coisa é os homens obedecerem ao meu senescal quando está a atuar sob as minhas instruções, mas é outra muito diferente pô-lo acima deles como Duque Consorte de Aquitânia.

— É verdade, senhor — admitiu Gofrid.

Guilherme fez um trejeito com a boca.

— Há também Godofredo de Anjou a considerar. Ele adoraria unir a sua casa com a minha prometendo o seu filho bebé a Leonor. Abordou o assunto no ano passado quando estávamos em campanha na Normandia, e eu afastei-o dizendo que consideraria o assunto quando o rapaz fosse mais velho. Se eu morrer, ele pode muito bem tentar aproveitar o momento, e isso também seria desastroso. Nesta vida, temos de fazer sacrifícios para o bem comum; a Leonor entende isso. — Tentou gracejar: — Se as uvas são para ser pisadas, em Bordéus sempre soubemos fazer vinho. — Mas nenhum dos homens sorriu. A dor estava a deixar Guilherme nauseado. A longa caminhada de Poitiers até ali tinha-lhe diminuído as forças. Meu Deus, estava exausto e ainda havia tanto a fazer.

Gofrid continuou a parecer perturbado.

— Podeis evitar que o vosso povo lute entre si, mas temo que assim acabem antes a virar-se contra os franceses como o inimigo comum.

— Não se a sua duquesa também for uma rainha. Espero agitação das áreas habituais, e há sempre disputas mesquinhas, mas não creio que haja uma rebelião declarada. Confio nos vossos dons diplomáticos para manter o navio estável.

Gofrid afagou a barba.

— Alguém mais deve ver isto?

— Não. Vou enviar um mensageiro de confiança ao Rei Luís com uma cópia, mas os outros ainda não precisam de saber. Se o pior acontecer, deveis informar os franceses imediatamente e guardar as minhas meninas até eles chegarem. Por ora, confio em vós para guardardes estes documentos em segurança.

— A vossa vontade será cumprida, senhor. — Lançou um olhar preocupado a Guilherme. — Devo mandar o vosso médico trazer-vos uma poção para dormir?

— Não. — A expressão de Guilherme ficou tensa. — Muito em breve terei tempo suficiente para dormir.

Gofrid saiu do quarto com o coração pesado. Guilherme estava a morrer e provavelmente não lhe restava muito tempo. Podia conseguir esconder a verdade dos outros, mas Gofrid conhecia-o demasiado bem para se deixar enganar. Ainda havia muito a alcançar e custava-lhe que o seu trabalho fosse agora transformar-se numa tapeçaria inacabada.

O que quer que fosse tecido na outra parte nunca poderia coincidir com o trabalho já concluído e até podia destruir a parte anterior.

Os pensamentos de Gofrid transformaram-se em compaixão por Leonor e Petronilha. Sete anos antes, tinham perdido a mãe e o irmão para uma febre dos pântanos. Agora iam perder também o seu amado pai. Eram tão vulneráveis. Guilherme tinha tornado o futuro delas certo, e provavelmente glorioso, no seu testamento, mas Gofrid desejava que as meninas fossem mais velhas e mais moderadas pela experiência. Não queria ver as suas naturezas alegres a serem corrompidas e manchadas pela fuligem do mundo, mas sabia que era o que acabaria por acontecer.

Leonor despiu o manto e pousou-o sobre a cadeira do pai. O cheiro e a presença dele perduravam no quarto porque deixara tudo para trás ao partir da catedral, vestido com o manto de penitente de lã não tingida, sandálias simples nos pés e pão grosseiro na sacola. Ela e Petronilha tinham caminhado alguns quilómetros com ele em procissão, antes de regressarem a Bordéus com o arcebispo. Petronilha falara durante todo o caminho, preenchendo o vazio com a sua voz animada e gestos rápidos, mas Leonor montara em silêncio e, ao chegar a casa, afastara-se discretamente para estar sozinha.

Andou pelo quarto, tocando em várias coisas. No motivo de águia esculpido na parte de trás da cadeira, na caixa de marfim que continha tiras de pergaminho e no pequeno chifre e taça de prata que continham as suas penas e aparos. Parou ao lado do suave manto azul forrado a pelo de esquilo. Um único fio de cabelo brilhava no ombro. Levantou uma dobra do manto e apertou-a contra o rosto, sentindo-a como não sentira o último abraço áspero do pai naquela estrada por ter estado tão zangada com ele. Partira, montada no *Ginnett*, sem olhar para trás. Petronilha abraçara-o com força e partira com despedidas alegres que davam para as duas.

Leonor sentiu os olhos a arder quando limpou as lágrimas no manto. Só precisava de esperar até à Páscoa pelo seu regresso. Ele já tinha estado longe muitas vezes — ainda no ano passado estivera em campanha na Normandia, com Godofredo, o *Belo*, Conde de Anjou, e correra muito mais perigo do que aquele que enfrentava ao fazer uma peregrinação a pé.

Sentou-se na cadeira e, apoiando as mãos sobre os braços desta, pôs-se na posição de senhora da Aquitânia, a distribuir juízos e sabedoria. Desde a sua infância, sempre fora educada para pensar e governar.

As aulas de fiação e tecelagem, as atividades femininas mais delicadas, tinham sido apenas o pano de fundo da aprendizagem e ideias. O pai gostava de a ver vestida com roupas finas e joias, e aprovava as atividades femininas e a feminilidade; mas também a tratara como substituta do seu filho varão. Ela tinha montado com ele pelas vastas terras da Aquitânia, desde o sopé dos Pirenéus até às planícies costeiras no oeste, com as suas salinas lucrativas entre Bordéus e o movimentado porto de Niort. Das vinhas de Cognac e das florestas de Poitou, até às colinas, vales com rios e exuberantes terras de Limousin. Estivera ao seu lado quando ele recebeu a homenagem dos seus vassallos, muitos dos quais eram homens turbulentos e belicosos, interessados apenas no seu próprio ganho, mas que reconheciam a suserania do seu pai. Tinha absorvido as suas lições, vendo a forma como lidava com eles. A linguagem do poder era exercida com mais do que apenas palavras. Era presença e pensamento; era gesto e sentido de oportunidade. Ele iluminara o seu caminho e ensinara-a a assumir o seu lugar, mas hoje sentia-se como se tivesse entrado numa terra de sombras.

A porta abriu-se e o arcebispo entrou na sala. Trocara a sua mitra elaborada por um manto simples e as suas vestes magníficas por um hábito castanho comum, cingido com um cinto simples preso com um nó. Debaixo do braço trazia uma caixa de marfim esculpido.

— Pensei que te encontraria aqui, filha — disse.

Leonor ficou um pouco ressentida, mas não disse nada. Não podia mandar embora o Arcebispo de Bordéus, e uma parte pequena e desperada de si queria agarrar-se a ele, como queria agarrar-se ao pai.

Ele pousou a caixa numa mesa ao lado da cadeira dela e levantou a tampa.

— O teu pai pediu-me para te dar isto — disse. — Talvez te lembres dele de quando eras pequena. — Tirou de um forro de lã macia e branca um vaso em forma de pera feito de cristal transparente, com a superfície muito trabalhada para formar a textura de um favo de mel. — Ele disse que é como tu: precioso e único. Quando emite a sua luz, melhora todas as coisas à sua volta.

Leonor engoliu em seco.

— Eu lembro-me — disse ela —, mas não o via desde que era pequena.

Por dizer ficava o facto de aquele belo objeto ter sido um presente do pai para a mãe no seu casamento, e de ter sido guardado no



tesouro da catedral de Bordéus depois da morte dela, raramente sendo retirado de lá.

Ela segurou o vaso entre as mãos e pousou-o cuidadosamente na mesa. A luz que entrava pela janela incidu sobre o cristal, espalhando losangos de todas as cores do arco-íris no pano branco. Leonor arquejou ao ver aquele espetáculo inesperado e cintilante. A sua visão turvou-se num prisma de lágrimas e ela abafou um soluço.

— Vamos, filha, calma. — Gofrid contornou a mesa para a abraçar. — Vai correr tudo bem, prometo-te. Estou aqui e vou cuidar de ti.

Eram as mesmas palavras que ela sempre dissera a Petronilha, independentemente do que fosse a verdade; eram como um curativo aplicado sobre uma ferida. Podia não curar a lesão, mas tornava mais fácil suportá-la. Ela encostou a cabeça ao peito dele e permitiu-se chorar, mas depois afastou-se e ergueu o queixo. O sol ainda brilhava no vaso e ela passou a mão sob a luz para ver as cores a dançarem-lhe no pulso: vermelho, cerúleo e roxo real.

— Sem a luz, a beleza permanece oculta — disse Gofrid. — Mas está sempre lá. Tal como o amor de Deus, de um pai ou de uma mãe. Lembra-te disso, Leonor. És amada, independentemente de o veres ou não.

Na terceira semana a seguir ao domingo de Páscoa, o tempo estava bonito e quente, e quando o Sol subiu no céu naquela suave manhã de primavera, Leonor e Petronilha levaram a sua costura para os jardins do palácio com as damas da casa. Músicos tocavam suavemente harpas e cítolas, cantando músicas sobre a primavera, a renovação e o desejo não correspondido. As fontes de mármore salpicavam água, produzindo um som sonolento sob o calor dourado.

As damas, encorajadas pela ausência de Floreta que estava dedicada a outras tarefas, falavam entre si, produzindo sons que faziam lembrar os pardais que se agitavam nas amoreiras. As suas brincadeiras tolas irritavam Leonor. Não se queria envolver em mexericos sobre quem fazia olhinhos a quem, ou sobre se o bebé que a mulher do subcomisário esperava era do marido ou resultado de um caso com um jovem cavaleiro. Quando Leonor era criança, a família da sua avó materna em Poitiers fervilhava com tais boatos triviais, mas prejudiciais, e ela odiava ouvi-los a serem passados de boca em boca como uma moeda de mau gosto.

Dangereuse de Châtellerault fora a amante do seu avô, não a sua esposa; ele vivera abertamente com ela, desprezando todas as opiniões contrárias à sua, e sofrera acusações frequentes de moral fraca. Quando os boatos eram lançados, ninguém podia travá-los; uma reputação podia ser destruída em momentos por alguns sussurros maliciosos.

— Basta — disse, exasperada, exercendo a sua autoridade. — Quero ouvir a música em paz.

As damas trocaram olhares, mas calaram-se. Leonor tirou um pedaço de pera cristalizada de uma bandeja ao seu lado e mordeu a fruta açucarada. Eram o seu doce preferido e comia-as em excesso. A doçura intensa era um consolo e saber que podia comê-las sempre que quisesse dava-lhe uma sensação de controlo. No entanto, também havia descontentamento, pois de que servia ter controlo sobre damas coscuvilheiras e mandar vir doces? Aquelas coisas não passavam de floreados exuberantes e não havia a menor satisfação num poder tão vazio.

Uma dama começou a mostrar a Petronilha como fazer delicadas margaridas com um determinado ponto de bordado. Leonor abandonou a costura e foi passear pelo jardim. Tinha uma dor persistente nas têmporas e a tiara não ajudava. Aproximava-se o seu fluxo mensal e doía-lhe a barriga. Não andava a dormir bem, com o sono assombrado por pesadelos de que não conseguia lembrar-se ao acordar, mas que lhe deixavam a sensação de estar presa.

Parou ao lado de uma cerejeira jovem e tocou ao de leve nas esferas verdes dos frutos em desenvolvimento. Quando o pai regressasse, aqueles frutos já seriam vermelho-escuros, quase pretos. Completamente desenvolvidos, doces e maduros.

— Filha.

Só havia duas pessoas que a chamavam assim. Virou-se e viu o arcebispo Gofrid e antes mesmo de ele falar, soube o que ia dizer, porque a expressão do seu rosto, perturbada e compassiva, dizia tudo.

— Tenho más notícias — disse ele.

— É sobre o meu pai, não é?

— Filha, é melhor sentares-te.

Ela encarou-o.

— Ele não vai voltar, pois não?

Ele pareceu surpreso, mas rapidamente recuperou a sua postura.

— Criança, lamento dizer-te que ele morreu na Sexta-feira Santa perto de Compostela e foi enterrado ali, aos pés de Santiago. — A voz

dele ficou rouca. — Agora está com Deus e está livre da dor. Já estava doente há algum tempo.

A dor estremeceu pelo corpo dela como os impulsos de uma corrente subterrânea. Soubera desde o início que algo se passava, mas ninguém escolhera contar-lhe, muito menos o pai.

Gofrid deu-lhe o anel de safira que tinha na mão.

— Ele mandou-te isto, para saberes, e pediu que fizesses o teu melhor, como sempre fizeste, e que escutasses os conselhos dos teus tutores.

Ela olhou para o anel e lembrou-se de o ver brilhar no dedo do pai quando ele partiu na sua viagem. Sentiu que o seu mundo tinha perdido o chão e que tudo o que era estável estava a cair. Erguendo a cabeça, olhou para o outro lado do jardim, para a irmã que estava a rir de algo que uma criada tinha dito. Num momento, aquele riso cessaria e no seu lugar viriam a tristeza e as lágrimas. O mundo de Petronilha também desabaria e isso era quase mais difícil de suportar do que o seu próprio choque e tristeza.

— O que vai acontecer connosco? — Tentou soar pragmática e madura, mesmo sem conseguir controlar o tremor da voz.

Gofrid fechou-lhe a mão sobre o anel.

— Haverá quem tome conta de vós, não te preocupes. O teu pai deixou provisões para vocês em testamento. — Aproximou-se para lhe dar um abraço compassivo, mas ela afastou-se e cerrou o maxilar.

— Eu não sou uma criança.

Gofrid deixou as mãos caírem junto ao tronco.

— Mas ainda és muito jovem — respondeu ele. — A tua irmã... — Olhou para o grupo de mulheres.

— Vou ser eu a dizer à Petronilha — disse ela com firmeza. — E mais ninguém.

Ele fez um gesto de reconhecimento, embora a sua expressão estivesse carregada de preocupação.

— Como queiras, minha filha.

Leonor voltou para junto das mulheres, com Gofrid a caminhar ao seu lado. Depois de terem feito uma vénia a Gofrid, Leonor dispensou-as e sentou-se ao lado da irmã.

— Olha o que acabo de bordar! — Petronilha levantou o lenço em que estava a trabalhar. Um canto estava coberto de margaridas brancas, com nós dourados ao centro. Os olhos castanhos da jovem brilhavam. — Vou dá-lo ao papá quando ele chegar a casa!

Leonor mordeu o lábio.

— Petra — disse, pondo o braço em volta dela. — Ouve... Tenho de te dizer uma coisa.

*Castelo de Béthizy, França, maio de 1137*

**A**rrancado às suas orações, Luís entrou no quarto de convalescença do pai na parte mais alta do castelo. As portadas bem abertas deixavam entrar uma leve brisa e revelavam arcos gêmeos do céu azul da primavera. Taças de incenso queimavam em várias mesas espalhadas pelo quarto, mas pouco faziam para dissipar o cheiro da decadência do seu pai, do seu corpo inchado. Luís engoliu um vômito quando se ajoelhou ao lado da cama e fez a sua vénia. Quase estremeceu quando a mão do pai lhe tocou no cimo da cabeça numa bênção.

— Levanta-te. — A voz de Luís pai estava rouca das secreções.  
— Deixa-me olhar para ti.

Luís lutou para controlar a ansiedade. O corpo do pai podia ser uma ruína inchada, mas os seus olhos azul-gelo ainda revelavam a mente e a vontade do caçador, soldado e rei astuto preso dentro da carne moribunda. Luís sempre se sentira na defensiva na presença do pai. Era o segundo filho, destinado a uma carreira no clero, mas quando o seu irmão mais velho morreu num acidente a cavalo, foi afastado dos seus estudos em Saint-Denis e feito herdeiro do reino. Fora a decisão de Deus e Luís sabia que devia servir na posição desejada pelo Senhor, mas não fora a sua escolha — e não fora certamente a escolha dos seus pais.

A mãe estava junto às cortinas à direita do leito, com as mãos unidas à sua frente e os lábios franzidos na sua expressão habitual, que dizia que ela é que sabia tudo e que ele não sabia nada. À sua esquerda estavam os conselheiros mais próximos do pai, incluindo os irmãos da mãe, Guilherme e Amadeu. Também lá estava Teobaldo, Conde de Blois. A apreensão de Luís aumentou. O pai fez um som com o nariz, como um mercador de cavalos que não estava satisfeito com a besta que lhe estava a ser oferecida, mas que sabia que ia ter de servir.

— Tenho uma tarefa que vai fazer de ti um homem — disse o pai.

— Senhor? — Luís sentiu um aperto na garganta e a sua voz subiu uma oitava, denunciando tensão.

— Uma questão de votos de casamento. Suger vai informar-te; ele tem fôlego para isso e gosta de ouvir o som da sua própria voz. — O seu pai acenou e o pequeno abade de Saint-Denis, com os olhos pequenos como os de um esquilo, avançou, destacando-se do grupo, com um pergaminho entre os dedos finos e um olhar de reprovação no rosto causado pelo comentário do rei.

Luís pestanejou. *Votos de casamento?*

— Senhor, temos uma notícia grande e importante para si. — A voz de Suger era suave e a sua expressão era aberta e franca. Para além de ser um dos confidentes mais próximos do seu pai, Suger era tutor e mentor de Luís. Luís amava-o como não amava o pai, porque Suger ajudara-o a compreender o mundo e as suas necessidades. — Guilherme de Aquitânia morreu durante uma peregrinação a Compostela, que Deus o absolva. — Suger fez o sinal da cruz. — Antes de partir, enviou o seu testamento a França, pedindo ao seu pai que cuidasse das suas filhas no caso da sua morte. A mais velha tem 13 anos e está em idade de casar, e a mais nova tem 11.

O pai de Luís ergueu-se, até ficar quase na vertical contra a massa de travesseiros e almofadas que apoiava o seu tronco distendido.

— Devemos aproveitar a oportunidade — chiou o rei. — A Aquitânia e Poitou vão aumentar as nossas terras e prestígio em cem vezes. Não podemos permitir que caiam nas mãos de terceiros. Godofredo de Anjou, para começar, arrebataria de bom grado o ducado com um casamento entre o seu filho e a filha mais velha, e tal coisa não pode acontecer. — O esforço despendido no discurso deixou-o com o rosto roxo e, debatendo-se para respirar, fez sinal a Suger para que continuasse.

Suger pigarreou.

— O seu pai deseja que leve um exército a Bordéus para proteger a região e que se case com a rapariga mais velha. Ela está atualmente sob guarda no Palácio Ombrière e o arcebispo aguarda a sua chegada.

Luís cambaleou, sentindo-se como se tivesse levado um murro no estômago. Sabia que um dia teria de se casar e produzir herdeiros, mas sempre o encarara como um dever vagamente desagradável num futuro distante. Agora estavam a dizer-lhe que tinha de se casar com uma rapariga que nunca tinha visto e que vinha de terras onde

as pessoas eram conhecidas por procurarem o prazer e terem fracos hábitos morais.

— Certificar-me-ei de que as raparigas são educadas à nossa maneira — disse a mãe, assegurando a sua própria autoridade no processo. — Passaram muitos anos sem cuidados maternos e vão beneficiar da devida orientação e instrução.

O condestável do pai, Raul de Vermandois, deu um passo em frente.

— Senhor, vou iniciar os preparativos para partir imediatamente. — Era mais um dos conselheiros próximos e primo direito de Luís. Uma pala de couro escondia o buraco onde faltava um olho, perdido oito anos antes, durante um cerco. Era um cavalo de confiança no campo de batalha, e um cortesão elegante e carismático, muito apreciado pelas damas. Na opinião das mulheres, a pala só lhe dava mais charme.

— Despachai-vos, Raul — disse o rei. — O tempo urge. — Levantou um dedo numa advertência. — Esta deverá ser uma escolta de honra e generosidade; as gentes de Poitou valorizam tais coisas e temos de manter a sua boa vontade a todo o custo. Içai estandartes nas vossas lanças e usai fitas em volta dos vossos elmos. Assegurai-os de que, por agora, levam presentes e não espadas.

— Deixai comigo, senhor. — De Vermandois curvou-se e saiu da sala, com o seu magnífico manto a agitar-se atrás de si como a vela de um navio.

Luís ajoelhou-se para receber a bênção do pai novamente e, sem saber como, conseguiu sair do quarto fétido antes de se curvar e vomitar violentamente. Não queria casar. Não sabia nada sobre raparigas a não ser que as suas curvas suaves, risinhos e vozes agudas o repugnavam. A sua mãe não era assim; era uma vara de ferro, mas nunca lhe dera amor. O único afeto que havia no seu mundo tinha vindo de Deus, mas agora Ele parecia estar a dizer-lhe que devia casar. Talvez ter de o fazer fosse castigo pelos seus pecados e, nesse caso, devia aceitá-lo com alegria e dar graças.

Quando os criados apareceram para limpar o seu vômito, Suger saiu do quarto e apareceu rapidamente ao seu lado.

— Ah, Luís, Luís. — O abade pôs um braço reconfortante sobre os ombros do jovem. — Eu sei que isto é um choque, mas é a vontade de Deus e deve entregar-se a ela. Oferece-lhe oportunidades magníficas e uma rapariga perto da sua idade para ser sua esposa e companheira. Este é um momento de verdadeira alegria.

Luís compôs-se sob a influência calmante de Suger. Se aquela era realmente a vontade de Deus, então devia submeter-se a ela e fazer o seu melhor.

— Eu nem sequer sei o nome dela — disse.

— Creio que é Leonor, senhor.

Luís pronunciou silenciosamente as sílabas. O nome era como uma fruta estrangeira que nunca tinha provado. Ainda tinha vômitos.



*Bordéus, junho de 1137*

Leonor sentiu *Ginnett* a puxar a rédea enquanto montava ao lado do arcebispo Gofrid. Tal como a sua égua, estava ansiosa por correr com o vento. Tinham passado vários dias desde que saíra, e mesmo então sempre sob guarda por ser um prémio tão valioso. Naquela manhã, o arcebispo tinha assumido a responsabilidade pelo seu bem-estar. Os seus cavaleiros, embora vigilantes, mantiveram-se um pouco afastados, para que ele e Leonor tivessem um espaço privado para conversar.

Nos dois meses que se tinham sucedido à morte do pai, a brisa quente do sul transformara-se num verão escaldante e as cerejas tinham amadurecido para um tom preto brilhante nas árvores do jardim do palácio. O seu pai jazia afastado da vida no seu túmulo em Compostela e ela vivia no limbo, uma herdeira com o poder de mudar destinos por ser quem era, mas sem exercer autoridade real fora dos seus aposentos, pois que influência tinha uma rapariga de 13 anos sobre os homens que negociavam o seu futuro?

Chegaram a um terreno aberto e Leonor cravou os pés nos flancos de *Ginnett*, dando-lhe rédea solta. Gofrid acelerou o ritmo para a acompanhar e a poeira subiu como fumo branco do choque dos cascos contra a terra seca. Ela sentiu o vento quente no rosto e inspirou o cheiro pungente do tomilho selvagem que era esmagado sob a velocidade da égua. A luz intensa do verão encandeava-a e, por um instante, as suas preocupações dissiparam-se na euforia da corrida, de estar viva, do canto do sangue nas suas veias. Tudo no seu íntimo que parecia preso e apertado abriu-se e encheu-a de uma emoção vigorosa, quente e forte como o Sol.

Por fim, deu meia-volta e parou diante de uma estátua romana gasta pelo tempo à beira do caminho, e inclinou-se para dar uma palmadinha

no pescoço de *Ginnett* que estava escurecido pelo suor. O pai falara-lhe dos Romanos. Há mil anos, tinham sido conquistadores e colonos em Aquitânia, falantes do latim que os estudiosos usavam agora e que ela aprendera a par do francês falado em Poitou e no norte, tão diferente da *lenga romana* de Bordéus.

O braço direito da estátua estava erguido como que numa oratória e os seus olhos abertos fitavam o horizonte. Estrelas de líquenes dourados adornavam-lhe o peitoral e as franjas do cingulo.

— Ninguém sabe quem é — disse Gofrid. — A inscrição desapareceu. Muitos deixaram a sua marca nesta terra, mas foram também marcados. As pessoas daqui não gostam de ser presas e conduzidas.

Leonor endireitou-se na sela. A noção de que era a Duquesa de Aquitânia estava a agitar-se dentro de si, como um dragão a despertar do sono e a alongar os músculos elegantes e sinuosos.

— Não tenho medo delas — disse ela.

A luz intensa do Sol destacou as sobranceiras franzidas do arcebispo.

— Mas deves ter cuidado. Antes disso do que seres apanhada desprevenida. — Hesitou e depois continuou: — Filha, tenho notícias para ti e quero que ouças atentamente.

Leonor ficou subitamente alerta. Deveria ter percebido que aquele passeio tinha outro fim que não o prazer do exercício.

— Que tipo de notícia?

— Por amor e preocupação contigo e com as suas terras, o teu pai deixou grandes planos para ti no seu testamento.

— O que é que quer dizer com «grandes planos»? Porque é que não me disse isso antes? — O medo e a raiva começaram a agitar-se dentro dela. — Porque é que o meu pai não me contou?

— Porque tudo tem de crescer antes de chegar a seu termo — respondeu Gofrid com tom sério. — Se o teu pai tivesse regressado de Compostela, teria sido ele a contar-te. Seria imprudente mencionar o assunto até estar tudo em ordem, mas agora chegou o momento. — Ele inclinou-se para fora do cavalo para pousar a mão na dela. — O teu pai desejava para ti um casamento que honrasse a Aquitânia e te levasse à grandeza. Também desejava manter-te em segurança e que as tuas terras se mantivessem pacíficas. Antes de partir, ele pediu ao Rei de França que salvaguardasse o teu bem-estar e providenciou o teu casamento com o filho mais velho do rei, Luís. Um dia vais ser Rainha de França

e, se Deus quiser, mãe de uma linhagem de reis cujo império se estenderá de Paris aos Pirenéus.

As palavras abateram-se sobre Leonor como um golpe de machado e ela só conseguiu olhar para o tutor em estado de choque.

— Esta é uma grande oportunidade — disse Gofrid, olhando-a de perto. — Vais cumprir o potencial que o teu pai viu em ti e a tua recompensa será uma coroa. Uma aliança entre a França e a Aquitânia tornará ambos os países muito mais fortes do que são sozinhos.

— O meu pai nunca teria feito tal coisa sem me dizer. — Sob a dormência de Leonor despontava um terrível sentimento de traição.

— Ele estava a morrer, criança — disse Gofrid, entristecido. — Teve de tomar as melhores provisões para ti e teve de as manter em segredo até chegar a altura certa.

— Não quero ser casada com um príncipe francês. — Ela ergueu o queixo. — Quero casar com um homem da Aquitânia.

Ele apertou-lhe a mão e ela sentiu o anel episcopal a cravar-se-lhe na carne.

— Deves confiar em mim e no teu pai. Fizemos o que era melhor. Se casasses com um homem das tuas próprias terras, isso levaria à rivalidade e a uma guerra que destruiria a Aquitânia. Luís vai chegar nas próximas semanas e vais casar-te com ele na catedral. Será feito com todas as honras e reconhecimento, como o teu pai desejava, e os teus vassallos virão até ti para jurarem fidelidade. Não podes viajar para Paris porque és uma noiva muito desejada e os homens tentariam apanhar-te para seu próprio proveito.

Leonor estremeceu. As palavras dele estavam a enterrá-la numa cova profunda e escura. Os seus lábios formaram palavras de recusa, embora não as tenha proferido.

— Filha, não me ouviste? Serás uma grande rainha.

— Mas ninguém me perguntou. Foi tudo decidido nas minhas costas. — Sentia um nó na garganta. — E se eu não escolher casar com Luís de França? E se eu... e se eu quiser outro?

O olhar dele era compassivo mas severo.

— Tal coisa não pode acontecer. Afasta isso da tua cabeça. É apropriado um pai decidir com quem a filha deve casar. Não confias na decisão dele? Não confias em mim? Isto é certo para ti, e é certo para a Aquitânia e para Poitou. Luís é jovem, bonito e educado. Vai ser um casamento ilustre, e é o teu dever.

Leonor sentiu-se como se estivesse a ser enfiada numa caixa com a tampa a ser pregada, longe da luz e da vida. Ninguém se dera ao trabalho de lhe dizer, como se ela não fosse mais do que uma encomenda valiosa para ser passada de mão em mão. Como seria beneficiada por ser senhora de tudo o que via se tudo ia ser entregue numa bandeja aos Franceses? Sentiu-se magoada e traída por o seu tutor ter sabido durante todo aquele tempo e não ter dito nada, e por o pai ter ocultado aquela intenção, mesmo quando se despediu dela para sempre. Mais valia passar a vida a comer fruta adoçada e a ouvir boatos tolos.

Fazendo *Ginnett* dar meia-volta, cravou nela os calcanhares e, por um momento, perdeu-se na furiosa explosão de velocidade da égua, mas quando o palafrém começou a ceder, abrandou novamente, sabendo que não importava o quanto corria, pois não podia correr mais do que o destino que fora selado para ela pelo engano daqueles em quem mais confiara.

Gofrid não fora atrás dela, e assim puxou as rédeas sozinha na estrada poeirenta e olhou para longe, como o romano anónimo no seu pedestal coberto de líquenes. O arcebispo falara como se aquele casamento fosse a melhor das sortes, mas não conseguia vê-lo com os mesmos olhos. Nunca se imaginara a ser Rainha de França; ser Duquesa de Aquitânia era o seu dever sagrado e era tudo o que importava. Quando sonhava com o casamento nos seus momentos privados, o homem ao seu lado fora sempre Godofredo de Rancon, senhor de Taillebourg e Gençay, e acreditava que talvez Godofredo pensasse nela da mesma forma, embora nunca o tivesse dito.

Com uma dor no coração, puxou as rédeas novamente e voltou para junto do tutor, e pareceu-lhe que enquanto montava, o que restava da sua infância caiu na poeira atrás de si, brilhou e desapareceu.

Ao regressar ao palácio, Leonor foi diretamente para o quarto que partilhava com Petronilha para trocar de vestido e pôr-se apresentável para a principal refeição do dia, embora não tivesse fome e sentisse que tinha o estômago colado às costas. Inclinou-se sobre a bacia de latão e salpicou o rosto com água fria e perfumada, sentindo-a a aliviar a tensão causada pelo forte calor do Sol.

Petronilha estava sentada na cama, a arrancar as pétalas de uma margarida e a cantarolar baixinho num tom desafinado. A morte do pai afetara-a muito. A princípio, recusara-se a aceitar que ele não ia regressar

e Leonor suportara o peso da sua raiva e tristeza, por não haver mais ninguém com quem Petronilha pudesse desabafar a sua infelicidade. Agora ela estava um pouco melhor, mas ainda propensa a momentos de choro e a um mau humor mais petulante do que o habitual.

Leonor fechou as cortinas da cama para afastar as aias. Saberiam em breve — talvez já o tivessem ouvido, na forma de mexericos da corte —, mas ela queria contar a Petronilha em privado. Sentando-se ao lado da irmã, afastou as pétalas espalhadas.

— Tenho uma notícia para te dar — disse ela.

Petronilha ficou imediatamente tensa; da última vez que Leonor trouxera notícias, tinham sido calamitosas.

— O arcebispo diz que tenho de me casar com Luís, o herdeiro de França — disse Leonor em voz baixa. — Disse que o papá combinou o casamento antes de... antes de partir.

Petronilha lançou-lhe um olhar vazio e depois atirou para o lado o pé da margarida.

— Quando? — perguntou friamente.

— Em breve. — A boca de Leonor contorceu-se ao proferir aquelas palavras. — Ele está a caminho daqui neste momento.

Petronilha não disse nada e virou-se para o lado, remexendo num nó nas rendas do vestido.

— Anda cá, deixa-me... — Leonor estendeu a mão, mas Petronilha afastou-a com uma palmada.

— Eu posso fazer isto sozinha! — cuspiu. — Não preciso de ti!

— Petra...

— Vais-te embora e vais-me deixar, como todos os outros. Não queres saber de mim. Ninguém quer saber de mim!

Leonor sentiu-se como se Petronilha lhe tivesse cravado uma faca no corpo.

— Não é verdade! Eu amo-te muito. Achas que eu teria escolhido isto para mim? — Fitou o olhar furioso e assustado da irmã. — Achas que não estou triste e com medo? Só nos temos uma à outra. Vou cuidar sempre de ti.

Petronilha hesitou e, numa das suas voláteis oscilações de humor, atirou-se para os braços de Leonor, abraçando-a com força e chorando.

— Não quero que te vás embora.

— Não vou. — Leonor acariciou o cabelo de Petronilha, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto.

— Jura.

Leonor benzeu-se.

— Juro pela minha alma. Não vou deixar que nada nos separe. Vamos. — A fungar e com o rosto molhado, ajudou Petronilha a desfazer o nó.

— Como... como é o Luís de França?

Leonor encolheu os ombros e enxugou os olhos.

— Não sei. Estava destinado ao clero até o irmão mais velho ter morrido, portanto ao menos sabemos que é instruído. — Também sabia que o pai dele se chamava Luís, o *Gordo*, e a sua mente era constantemente invadida pela imagem de um jovem gordo e macilento. Soltou um suspiro pensativo. — Era o que o papá queria e deve ter tido as suas razões. Temos de fazer o nosso dever e obedecer à sua vontade. Não temos escolha.

*Bordéus, julho de 1137*

**N**o calor paralisante do início de julho as providências para a chegada do noivo francês e do seu exército continuavam a ritmo acelerado. Chegou a Bordéus a notícia de que Luís chegara a Limoges a tempo de celebrar a festa de São Marçal, no dia 30 de junho. Recebera homenagem do Conde de Toulouse e dos barões de Limousin que tinham vindo apresentar uma proposta de fidelidade quando a notícia do casamento iminente se espalhou pelas terras de Leonor. Agora acompanhado pelos vassalos de Leonor, o grupo francês partira na fase final da sua viagem.

Das adegas às torres, Bordéus preparava-se para a chegada de Luís. Albergues eram varridos e decorados com bandeiras e grinaldas. Carroças de suprimentos entravam na cidade vindas da paisagem circundante, juntamente com rebanhos e bandos de aves para o abate. Costureiras trabalhavam sobre metros de panos amarelo-dourados e vermelhos, costurando um vestido de casamento digno da sua nova duquesa e futura rainha de França. A cauda foi cravejada com centenas de pérolas e as mangas do pulso ao tornozelo foram adornadas com ganchos de ouro decorativos para poderem ser puxadas para trás se estorvassem.

Na madrugada de uma escaldante manhã de julho, Leonor foi à igreja para se confessar e ser absolvida. Ao regressar, as aias envolveram-na num vestido de damasco cor de marfim, com os cordões de ouro bem apertados para realçar a sua cintura estreita. Uma touca de joias cobria-lhe o cimo da cabeça, mas o seu cabelo reluzente continuava exposto, madeixas grossas entretecidas com fitas metálicas. As unhas eram cor-de-rosa e tinham sido polidas até brilharem. Leonor sentia-se como se ela própria tivesse sido polida como as taças de prata dourada destinadas à festa de casamento.

Pelas portadas abertas, o céu tinha o tom azul de verão puro. Pombas rodeavam o telhado vermelho do curral do palácio e o rio brilhava como uma arca do tesouro sob o calor da manhã. Leonor olhou para as tendas francesas na margem oposta, dispostas como aglomerados de cogumelos exóticos. Luís e o seu exército tinham chegado pouco antes do anoitecer do dia anterior e tinham acampado quando o Sol se afundou sobre as águas límpidas do Garona. Os panos pálidos das tropas marcavam a periferia francesa, enquanto o centro cintilava com as sedas brilhantes e os remates dourados da alta nobreza e do clero. Ela fixou os olhos na maior tenda de todas: lápis-lazúli e ouro em pó com a esvoaçante auriflora a agitar-se na brisa quente para fora das abas. Conseguia ver os homens que iam e vinham, mas não tinha como saber se algum deles era o seu potencial marido.

Ao longo de toda a margem do rio, pequenos barcos e barcaças faziam o seu comércio, trazendo fornecimentos de comida e bebida à hoste na margem de lá. Uma delegação de barcas navegou até ao acampamento francês, com os remos a desenharem traços brancos na água. A barca da frente ia decorada com flâmulas, estava coberta com um toldo de lona para proteger os seus ocupantes do sol, e Leonor conseguiu distinguir a figura do arcebispo Gofrid de pé junto à proa. Iam saudar a delegação francesa e trazer Luís e os seus cortesãos à cidade para um primeiro encontro formal entre a noiva e o noivo.

Luís não há de ser gordo, disse a si mesma, tentando manter um espírito positivo. Tudo aquilo estava a acontecer para o bem maior. Mas tinha um aperto no estômago porque não sentia que era para o bem maior, e ia afastar-se ainda mais do que lhe era familiar.

Petronilha juntou-se-lhe à janela. Dançava em bicos de pés e Leonor não a via tão animada desde a morte do pai. A perturbação que sentira inicialmente, ao ouvir a notícia do casamento, fora abafada pelo entusiasmo dos preparativos. Ela adorava roupas finas, distrações e diversões, e aquilo estava a satisfazer todos esses apetites.

O arcebispo e seu tio desembarcou na margem oposta do rio e um criado correu para a grande tenda azul e dourada. Momentos depois, um grupo de cortesãos com roupas de cores vivas emergiu.

— Qual achas que é o Luís? Qual? — Petronilha estava de pescoço esticado.

— Não sei — respondeu Leonor, abanando a cabeça.

— Aquele... ali de azul! — Petronilha esticou o braço e apontou.



Leonor via vários clérigos com insígnias brilhantes e muitos nobres, mas vários trajavam de azul e estavam demasiado longe para poder adivinhar.

O toldo protegia o grupo quando a barca começou a atravessar as águas, mas ao contrário da irmã, Leonor sentia-se como se estivesse a assistir a uma invasão e não à aproximação alegre de um noivo e da sua comitiva.

Luís estava nauseado de apreensão quando a barca atracou junto às grandes paredes do Palácio de Ombrière. Os enviados falavam-lhe constantemente do quanto a sua futura noiva era bonita, graciosa e recatada, mas os enviados mentiam frequentemente. Estava a fazer todos os esforços para se controlar e esperava que o medo não se manifestasse na presença dos outros. O pai confiara-lhe aquela responsabilidade e tinha de a enfrentar como um homem.

O calor intenso dificultava-lhe a respiração. Quase conseguia sentir o sabor do pano do toldo aquecido pelo sol e aquele cheiro colava-se-lhe à parte de trás da garganta. O arcebispo Gofrid de Bordéus parecia estar a derreter, com o suor a escorrer-lhe da mitra incrustada de bordados para o rosto corado. Recebera Luís com solenidade e deferência, e acrescentara um sorriso para o abade Suger, que era um velho amigo e aliado.

O senescal de Luís, Raul de Vermandois, limpou a parte de trás do pescoço com um pano de seda axadrezada.

— Nunca vi um verão tão quente — disse ele, limpando cuidadosamente o rosto em volta da pala que lhe cobria o olho esquerdo.

— Achareis o palácio fresco e agradável, meus senhores — disse o arcebispo. — Foi construído há muito tempo como refúgio do calor do verão.

Luís olhou para as paredes altas. O palácio da Sombra; o palácio das Sombras. Havia ali mais do que um significado.

— Será apreciado, arcebispo — respondeu ele. — Viajámos frequentemente depois do crepúsculo e à luz da Lua para evitar o calor no nosso caminho até aqui.

— Compreendo — replicou Gofrid —, e estamos gratos pela vossa presteza em resolver esta situação.

Luís inclinou a cabeça.

— O meu pai compreendeu a necessidade.

— A duquesa anseia por vos dar as boas-vindas.

— E eu anseio por a cumprimentar — respondeu Luís secamente.

Raul de Vermandois atirou um punhado de moedas de prata para a água e assistiram enquanto os jovens mergulhavam para as apanhar, com os corpos castanhos a brilhar.

— O seu pai disse que devíamos tratar esta gente com cortesia e generosidade — disse, sorrindo para Luís que estava de sobranceiras erguidas.

Luís não estava certo de que o pai se referira a gente num posto tão baixo da hierarquia, mas Raul era um homem de gestos alegres e espontâneos, e não haveria certamente mal em atirar dinheiro para os jovens da cidade apanharem, mesmo sendo um gesto frívolo e menos digno do que dar esmolas à porta da igreja.

Quando desembarcaram, foram recebidos por vários clérigos e nobres antes de serem escoltados em lenta procissão debaixo de um palanquim coberto até à catedral de Santo André, onde Luís casaria com a sua jovem noiva no dia seguinte.

Ele passou pelo arco decorado do pórtico e encontrou-se na presença sagrada de Deus. O interior da catedral era um refúgio fresco e abençoado do calor do sol do verão. Inalando os aromas de incenso e cera de velas, Luís suspirou de alívio. Aquele território era-lhe familiar. Avançou pela nave com os seus pilares decorados, e quando chegou aos degraus do altar, fez o sinal da cruz e prostrou-se.

— *Deus, sou teu criado. Concede-me a força para fazer a Tua vontade e não falhar. Concede-me a Tua graça e guia-me pelo caminho da retidão.*

Era ali que ele e Leonor celebrariam o seu matrimónio. Ainda tinha dificuldade em dizer o nome dela e mais ainda em imaginar a sua pessoa. Tinham-lhe dito que era bonita, mas a beleza dependia do olhar do observador. Desejou estar na sua casa em Paris e em segurança entre as paredes de Notre-Dame ou de Saint-Denis.

Ao som de uma fanfarra, voltou o olhar para o fundo da nave. As colunas formavam um túnel de arcos dourados, conduzindo o seu olhar para a claridade que entrava pela porta aberta. Uma rapariga caminhava pela luz na sua direção, acompanhada por criados, e por um instante ficou tão encandeado que todo o grupo pareceu ter um brilho que não era deste mundo. Ela era alta e magra; o seu cabelo dourado brilhava até à cintura, mas tinha o cimo da cabeça decentemente coberto pela touca incrustada de joias típica de uma virgem. O seu rosto era uma oval pálida e pura; não era abertamente feminino, mas antes feito de uma mistura de força e delicadeza que fez Luís pensar num anjo.

Ela ajoelhou-se para beijar o anel do arcebispo e, depois de se levantar, pôs a mão no braço dele e continuou o seu caminho ao longo da nave na direção de Luís.

— Senhor — disse ela, ajoelhando-se novamente e erguendo o olhar para ele. Os seus olhos tinham os tons mutáveis do oceano, cheios de verdade e inteligência, e Luís sentiu-se como se o seu coração tivesse sido pousado numa bigorna e transformado noutra forma com um único golpe.

— *Demoiselle* — disse ele. — É um prazer conhecer-vos e oferecer-vos a honra do matrimónio para que as nossas grandes terras possam ser unidas. — As palavras surgiram de forma mecânica porque passara a maior parte da noite anterior na tenda a ensaiá-las com Suger, a suar sob o calor intensificado pela tenda enquanto o zumbido dos mosquitos lhe atacava os ouvidos. Ao dizê-las agora, recuperou um pouco o equilíbrio, embora o seu coração ainda se agitasse como um cervo em pleno salto.

— E é para mim uma honra conhecer-vos, senhor — respondeu ela, baixando as pálpebras e acrescentando com a voz levemente quebrada —, e aceitar a vossa oferta de casamento como o meu pai desejava.

Luís percebeu que ela também devia ter estado a ensaiar e que, tal como ele, também estava ansiosa. Sentiu-se aliviado, e depois protetor e superior. Ela era mais perfeita do que ousara esperar. Deus tinha respondido às suas dúvidas e tinha-lhe mostrado que aquilo estava mesmo destinado. Ter uma esposa era a progressão natural da virilidade e da realeza, porque um rei precisava de uma consorte. Levantou-se e beijou-a leve e rapidamente em ambas as faces, e depois recuou, com um aperto no peito.

Ela apresentou timidamente a rapariga ao seu lado como sendo a sua irmã Petronilha. Esta ainda era uma criança, mais pequena e de cabelos castanhos, com um rosto em forma de coração e uma boca sensual em forma de botão de rosa. A pequena fez uma vénia a Luís e, depois de um olhar penetrante com os seus olhos castanhos brilhantes, baixou o olhar. Em vez de pensar que ela seria uma bela recompensa para um dos seus nobres franceses, Luís afastou-a da sua mente para se dedicar ao assunto presente. Voltando-se para o altar com Leonor, comprometeu-se formalmente com o noivado, com as mãos a tremer quando lhe pôs um anel de ouro no dedo médio da mão direita. E naquele momento teve a certeza de que Deus o tinha favorecido com tanta generosidade que se sentia assoberbado.

\*\*\*

Tinha sido preparada uma festa de celebração no Palácio de Ombrière. Mesas cobertas com toalhas tinham sido dispostas no jardim do claustro, para que os hóspedes pudessem sentar-se ao ar livre, bem protegidos do sol, e ouvir os músicos enquanto comiam.

Leonor sorriu e respondeu sempre que falavam com ela, mas estava preocupada e tinha dificuldade em conversar. Um enorme peso abaterase sobre ela com a chegada de Luís e com o conhecimento de que as mudanças na sua vida eram agora irrevogáveis. Havia demasiadas pessoas novas a ter em conta, todas tão diferentes dos seus cortesãos no discurso e maneirismos. Falavam o dialeto do norte de França, que ela entendia por ser a língua comum em Poitou, mas a cadência parisiense era mais áspera. As suas vestes eram de tecidos mais espessos e escuros, e pareciam não ter a alegria do seu povo. Mas tinham feito uma árdua viagem sob o sol escaldante do verão, portanto talvez devesse dar-lhes o benefício da dúvida.

Os seus medos de que Luís fosse gordo e grosseiro revelaram-se infundados. Ele era alto e esguio de ancas, como um bom cão de caça. Tinha gloriosos cabelos louro-prateados pela altura dos ombros, e olhos azuis. Os seus lábios eram estreitos, mas bem formados. Achou os seus modos rígidos e demasiado regrados, mas isso podia ter sido causado pelas pressões do dia. Ele não sorria muito — ao contrário do seu senescal, Raul de Vermandois, que parecia nunca parar de sorrir. De Vermandois estava a mostrar a Petronilha o seu truque de prestidigitação, escondendo uma pequena esfera de vidro sob um de três copos e pedindo-lhe que adivinhasse onde estava a esfera. Ela ria-se da brincadeira, com os olhos a brilhar. O resto do grupo francês mostrou-se mais vigilante e reservado, como se tivessem tábuas nas costas por dentro das túnicas. Teobaldo, Conde de Blois Champagne, estava a olhar para de Vermandois com irritação, e com um músculo a latejar-lhe no maxilar. Leonor perguntou-se a que se deveria a tensão entre os dois homens. Havia tanta coisa que não sabia, tanto que tinha de absorver e assimilar.

Pelo menos, embora fosse reservado, Luís não parecia ser um ogre, e conseguiria provavelmente encontrar formas de o influenciar. Talvez fosse mais difícil contornar os homens mais velhos, especialmente Suger e os tios de Luís, Amadeu de Maurienne e Guilherme de Montferrat, mas estava habituada a conseguir impor a sua vontade ao

pai e teria sem dúvida ocasiões em que poderia estar a sós com Luís sem ninguém a interferir. Tinha sensivelmente a mesma idade que ele e isso significava que tinham coisas em comum.

Quando todos tinham comido e bebido até estarem satisfeitos, Luís ofereceu formalmente a Leonor os presentes de casamento que trouxera de França. Havia livros com capas adornadas a marfim, relíquias, caixas de pedras preciosas, cálices de prata, taças de vidro das oficinas de Tiro, tapetes, rolos de tecidos finos. Caixas e arcas e sacos. Os olhos de Leonor doíam ao ver tanta generosidade. Luís presenteou-a com uma cruz peitoral cravejada de rubis tão vermelhos como pequenas gotas de sangue.

— Isto pertenceu à minha avó — disse ele enquanto lha punha ao pescoço, afastando-se em seguida com a respiração acelerada.

— É magnífico — respondeu Leonor, e era verdade, embora não tivesse gostado especialmente da peça.

A expressão dele fora ansiosa, mas agora estava direito e orgulhoso.

— Vós destes-me a coroa da Aquitânia — disse ele. — Seria triste se eu não pudesse retribuir à minha noiva com a riqueza de França.

Leonor sentiu um leve ressentimento. Embora lhe devesse homenagem como vassala de França, a Aquitânia pertencia-lhe e pertenceria sempre, mesmo que ele fosse investido com a coroa ducal depois do casamento. Pelo menos, o contrato de casamento estipulava que as suas terras não deviam ser absorvidas por França, mas antes deviam permanecer um ducado separado.

— Também tenho algo para vós. — Ela acenou e um camareiro avançou com uma caixa de marfim esculpido. Leonor levantou com cuidado o vaso do forro de lã. O cristal trabalhado pareceu-lhe frio ao toque quando se virou para o oferecer formalmente a Luís.

— O meu avô trouxe isto de uma guerra santa em Espanha — disse ela. — É muito antigo.

O vaso parecia austero e simples quando comparado com os presentes opulentos que Luís lhe dera, mas o cenário envolvente só aumentara o seu impacto. Segurando na peça, Luís beijou-a na testa.

— É como vós — disse ele —, translúcido, fino e único. — Pousou-o cuidadosamente na mesa e uma chuva de diamantes coloridos refletiu-se de imediato no pano branco. O rosto de Luís encheu-se de uma alegria surpreendida. Leonor sorriu ao ver a reação dele e pensou que

embora ele lhe tivesse dado todas aquelas coisas ricas e pesadas, a sua dádiva de luz captada superava-as a todas.

— Posso? — Sem esperar o consentimento, o abade Suger pegou no vaso com as suas mãos ansiosas e um olhar francamente ávido. — Que requintado — comentou. — Nunca tinha visto um trabalho tão delicado. — Deslizou os dedos pela escultura em delírio tátil. — Vejam como é translúcido e, ao mesmo tempo, como reflete todas as cores da janela de uma catedral. É verdadeiramente uma obra de Deus.

Leonor suprimiu o impulso de lho arrancar das mãos. Suger era um bom amigo do arcebispo Gofrid e devia estar encantada com a sua admiração.

— O abade Suger sente-se fascinado por estas coisas — disse Luís com um sorriso. — Tem uma bela coleção em Saint-Denis, como vereis no nosso regresso a Paris.

Suger voltou a pousar cuidadosamente o vaso na mesa.

— Não faço a coleção para mim, mas para a glorificação de Deus através da beleza — respondeu com um tom de censura.

— Verdade, padre. — Luís corou como uma criança que recebera uma reprimenda.

Depois de um olhar penetrante, Leonor baixou o olhar. Reparara na frequência com que Luís olhava para Suger, procurando aprovação e apoio. Aquele homem podia ser amigo ou inimigo, e tinha Luís na mão. Teria de ter muito cuidado com ele.

No final da tarde, quando o sol arrefeceu sobre o rio e o Palácio de Ombrière ficou mergulhado num manto de sombras mais profundas e sonolentas, Luís preparou-se para regressar ao seu acampamento na outra margem do rio. Relaxara visivelmente à medida que o dia avançara e estava a sorrir quando se despediu de Leonor, pousando o polegar no anel que lhe dera e beijando-lhe o rosto. Os seus lábios eram sedosos e quentes, e a sua barba incipiente era suave contra a pele dela.

— Voltarei a visitar-vos amanhã — disse ele.

Algo no íntimo de Leonor pareceu abrir-se. A ideia de casar com ele tinha começado a parecer-lhe mais sólida — realidade e não apenas a neblina turva de um sonho. Luís parecia decente; fora gentil até ali, e era bonito. A situação podia ter sido muito pior.

Embarcando para o seu acampamento do outro lado de um rio dourado pela luz do Sol, Luís levantou a mão num gesto de despedida e Leonor retribuiu o gesto com um meio sorriso nos lábios.

— Então, filha — disse o arcebispo Gofrid, chegando-se para o seu lado —, os teus medos foram dissipados?

— Sim, pai — respondeu ela, sabendo que era o que ele desejava ouvir.

— Luís é um rapaz bom e devoto. Estou muito impressionado com ele. O abade Suger educou-o bem.

Leonor assentiu novamente. Ainda estava a tentar decidir se Suger era aliado ou inimigo, apesar de ser amigo de Gofrid.

— Gostei que lhe tivesses oferecido o vaso.

— Nenhuma outra coisa poderia corresponder ao que ele me trouxe — respondeu ela. Perguntou-se se o tutor tirara o vaso das profundezas do tesouro com essa intenção. Apertou os lábios. — Fiquei contente por o abade Bernardo de Clairvaux não estar entre eles.

Gofrid ergueu as sobrancelhas.

Leonor fez uma careta. O temível abade Bernardo visitara o seu pai duas vezes e, em ambas as ocasiões, assediara-o por causa do seu apoio à oposição durante um cisma papal. Ela era muito pequena quando se deu a primeira visita e lembrava-se vagamente de ele lhe ter dado uma palmadinha afetuosa na cabeça. Era esguio como uma lança e cheirava a mofo, como tapeçarias antigas. Na segunda visita, quando tinha 12 anos, Bernardo e o seu pai tinham tido uma discussão violenta na igreja de La Couldre. Fora no início da doença do pai, e o abade Bernardo, com o seu dedo ossudo espetado, os seus olhos ardentes e o seu discurso eloquente a ameaçá-lo com o fogo do inferno, tinha deixado o pai de joelhos no altar, dizendo que era o julgamento de Deus sobre o pecador. Leonor temera que o abade Bernardo estivesse entre os clérigos franceses e ficara muito aliviada ao verificar que não era o caso.

— Ele humilhou o meu pai — disse ela.

— Bernardo de Clairvaux é um homem muito santo — disse Gofrid, docemente. — Procura acima de tudo o caminho para Deus e se às vezes é crítico ou zeloso é para o bem comum e cabe a Deus julgar, não a nós. Se o encontrares em Paris, espero que ajas com juízo bom e adequado como convém à tua posição.

— Sim, pai — respondeu Leonor com um tom neutro, embora se sentisse revoltada.

Gofrid deu-lhe um beijo ao de leve na testa.

— Estou orgulhoso de ti, e o teu pai também estaria se estivesse aqui.

Leonor engoliu em seco, determinada a não chorar. Se o pai estivesse ali, não teria de se casar. Estaria feliz e em segurança e tudo estaria bem. Se pensasse muito, sabia que o culparia por morrer e lhe deixar aquele legado em testamento.

Na ausência de Leonor os presentes de casamento de Luís foram levados para o seu quarto e postos em cima de uma mesa para ela examinar quando quisesse. Muitos dos objetos estariam sob a sua custódia apenas por um breve período; esperava-se que os doasse à Igreja ou que os desse a famílias importantes e influentes. Havia um relicário que continha um fragmento de um osso da perna de Santiago. A caixa era de prata dourada, adornada com pérolas e pedras preciosas, e uma pequena portinhola de cristal abria-se para revelar uma caixa de ouro que continha o precioso fragmento. Havia dois castiçais esmaltados, dois incensários de prata e uma caixa cheia de pedaços de incenso aromático.

Para o uso pessoal de Leonor, havia um colar adornado com pedras preciosas, bem como pregadeiras, anéis e pingentes. Petronilha recebera uma tiara formada por requintadas rosas de ouro incrustadas com pérolas e safiras. Estava a usá-la naquele momento nas ondas castanhas do seu cabelo, enquanto brincava com algumas esferas de vidro colorido que Raul de Vermandois lhe tinha dado.

Leonor olhou em volta; ainda havia mais caixas para examinar e sentiu que estava num banquete em que eram servidos demasiados pratos. Havia demasiada riqueza, demasiado ouro a envolvê-la e a sufocá-la. Trocou apressadamente o seu vestido elaborado por um vestido fresco de linho simples e trocou os delicados sapatos bordados pelas botas de montar.

— Vou ao estábulo ver a *Ginnett* — disse.

— Eu vou contigo. — Petronilha guardou as esferas de vidro no seu cofre. Quando Leonor sugeriu que tirasse a tiara dourada, Petronilha abanou a cabeça e fez beicinho. — Quero usá-la — disse ela, teimosamente. — Não a perco.

Leonor lançou-lhe um olhar exasperado, mas calou-se. Discutir com Petronilha por uma coisa tão pequena era demasiado para ela, somado a tanta coisa que já vivera naquele dia.



Nos estábulos, *Ginnett* recebeu Leonor com um relincho débil e procurou avidamente a côdea de pão que a dona lhe trouxera. Leonor acariciou-a, sentindo-se reconfortada com o cheiro doce de palha e cavalos.

— Vais ficar bem — sussurrou. — Vou levar-te comigo para Paris; não te vou deixar para trás, prometo.

Petronilha encostou-se à porta do estábulo a observar atentamente Leonor como se as palavras lhe fossem dirigidas a ela. Leonor fechou os olhos e encostou a testa ao pescoço liso e morno da égua. Num mundo em que tanta coisa tinha mudado tão rapidamente, obtinha o consolo possível do que lhe era querido e familiar. Preferiria dormir no estábulo a voltar para o seu quarto e para a pilha de presentes cintilantes.

Quando o crepúsculo caiu, Petronilha puxou a manga de Leonor.

— Quero passear no jardim — disse ela. — Quero ver os pirilampos.

Leonor deixou que Petronilha a levasse para o pátio, onde horas antes tinham comido. Estava agora muito mais frio, embora as paredes ainda emanassem um calor suave. Os criados tinham empilhado as mesas contra uma parede e removido as toalhas e utensílios de mesa refinados. Os peixes no lago do pátio lançavam salpicos preguiçosos quando saltavam para apanhar mosquitos sob a última luz do dia. O ar estava carregado do cheiro antigo de pedra aquecida pelo sol. Leonor sentia o peito apertado. Para além de perder o pai e ser empurrada para um casamento que não escolhera, agora tinha de deixar a sua casa e ir para Paris na companhia de estranhos, um dos quais era o seu noivo.

Lembrou-se das brincadeiras de infância que tivera ali: correr em volta das colunas, brincar com Petronilha. As cores, imagens e ecos do riso atravessaram a realidade como uma fita transparente e agora estavam a desaparecer.

Petronilha deu-lhe um súbito abraço forte.

— Achas que vai correr tudo bem? — perguntou, enterrando a cabeça no ombro de Leonor. — Disseste isso à *Ginnett*, mas é verdade? Estou com medo.

— Claro que é verdade! — Leonor teve de fechar os olhos enquanto abraçava a irmã, porque aquilo era insuportável. — Claro que vai correr tudo bem! — Puxou Petronilha para se sentar no velho banco de pedra junto ao lago onde tantas vezes se tinham sentado quando eram crianças, e juntas viram o brilho intermitente dos pirilampos, como esperanças na escuridão.

\* \* \*

Luís olhou para o vaso. Tinha-o pousado na pequena mesa de oração na sua tenda, ao lado do crucifixo e da estátua da Virgem em marfim. A simplicidade e o valor do presente enchia-o de admiração, bem como a rapariga que lho oferecera. Ela era tão diferente de tudo o que esperava. O seu nome, que até há pouco tempo parecia ter um sabor estranho e desagradável quando era pronunciado, era agora como mel na sua língua. Ela preenchia-o, mas ao mesmo tempo sentia um vazio e não entendia porquê. Quando a luz do vaso se refletira na toalha de mesa, tomara aquilo como um sinal de Deus de que o futuro casamento era divinamente abençoado. A sua união era como aquele vaso, à espera de ser preenchida com luz, para poder brilhar com a graça de Deus.

Ajoelhando-se diante da mesa, encostou a testa às palmas unidas e agradeceu de todo o coração ao seu criador.

# LEONOR DE AQUITÂNIA

## Uma das mulheres mais poderosas da História

Jovem, bonita e privilegiada, Leonor tinha tudo para viver um futuro brilhante como herdeira da próspera Aquitânia. Quando o seu amado pai, Guilherme, Duque de Aquitânia, morre subitamente no verão de 1137, Leonor tem de abandonar a sua infância e assumir-se como duquesa.

Enviada para Paris e forçada a casar com o príncipe herdeiro Luís VII de França, Leonor pouco ou nada se tinha ainda adaptado à sua nova vida quando o rei morre e se torna Rainha de França.

Com apenas 13 anos, tem de deixar tudo para trás e aprender a viver na bruma complexa da Corte e do Clero. Depois de se confrontar com os mais diversos desejos, intrigas e ambições, Leonor apercebe-se de que poderá controlar o futuro se souber escolher o momento certo para agir.

Com *A Rainha do Verão*, Elizabeth Chadwick dá início a uma trilogia sobre Leonor de Aquitânia, onde nos deslumbraremos com a sua história, triunfos e tragédias, e nos deixaremos levar numa fascinante viagem ao alvor da Idade Média.

«Reconhecida pela profundidade dos seus romances históricos, Elizabeth Chadwick relata-nos uma guerra dos sexos através dos olhos de uma grande mulher.»

*New York Post*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8839-82-4



9 789898 839824

Romance Histórico